

#355

Marcas, Marketing e Negócios

#355
FEVEREIRO 2026

Mensal

4,50€ (cont.)

MARKETEER

Marcas com História

As marcas nacionais
mais queridas
dos consumidores

MONCHIQUE

Como a água
do Algarve se está
a afirmar no Mundo

ESTUDO SCOPEN

Conheça os investimentos
em Marketing
das agências em Portugal

SKINIFICATION

Os cuidados da pele
chegaram aos cabelos
e estão em força

CADERNOS ESPECIAIS TURISMO • SAÚDE • SEGUROS



vercapas.com



1822

LEITÃO E IRMÃO,
OS JOALHEIROS DA COROA

«Não podemos cair na tentação de diminuir o nível de qualidade para reduzir custos.» Quem o defende é Jorge Leitão, o actual responsável pela Leitão & Irmão, a empresa fundada em 1822 no Porto e cuja história se confunde com a própria história da joalharia e ourivesaria de Portugal, ou não tivessem sido considerados os joalheiros da coroa portuguesa. «Procuramos sempre outra visão», diz Jorge Leitão, responsável máximo e alma da marca, enquanto recorda: «A nossa função foi sempre representar o nosso País em prata e ouro. Temos peças de ourivesaria por todo o mundo, que foram levadas por quem nos representa, entre reis e presidentes da República.»

Esta é, de facto, uma história com muitas histórias, como a criação de uma linha de jóias para a rainha D. Amélia, que foram mandadas fazer pelo rei D. Luís para a família real e para o seu filho, futuro rei D. Carlos, dar à futura e última rainha de Portugal. Se bem que, para Jorge Leitão, a peça excepcional da Casa é a coroa de Nossa Senhora de Fátima, por ter sido um presente oferecido pelas mulheres de Portugal a Nossa Senhora em 1942 e feita só com jóias oferecidas a Nossa Senhora – sendo que o trabalho foi também oferecido.

Jorge Leitão viu a empresa passar de geração em geração, mas viu também o pai perdê-la, na altura do 25 de Abril. O que não sabia, então, era que lhe haveria de tocar, a si, a sua recuperação. «Em 1981, passeava de barca à vela nas Caraíbas e o meu pai disse-me para voltar, que tudo tinha acabado. Voltei, faz 45 anos, e ainda cá estou. Claramente não contava fazer isto.» Começou por ir perceber o que era uma manufatura de ourivesaria e de joalharia, foi aprendendo com alguma facilidade – como com o fundidor, Sr. Paulino, que mesmo aos 90 anos continuava a ir para a oficina todos os dias. A primeira decisão, essa foi arranjar meios financeiros para comprar matérias-primas e ter a dimensão suficiente para crescer, e que o fluxo de receitas fosse maior que o das despesas. «Não podia cair na tentação de diminuir a qualidade para baixar o nível de custo. Manter sempre a modernidade. Ir buscar ideias e coisas novas, até a sítios onde não é suposto ir», lembra, até porque esta foi casa que sempre trabalhou com nomes de relevo nas artes, entre um Rafael Bordallo Pinheiro, René Lalique ou Salvador Dalí.

«Estas parcerias foram fundamentais para que a marca se destaque e tenha sempre qualquer coisa de novo para oferecer», observa. «Hoje, fazemos o que serão os clássicos de amanhã. E isso precisa de excelência no design, na manufatura e nas matérias-primas.» Porque, ali, faz-se a própria liga, a partir de ouro e prata comprados em estado puro, sendo que também tudo o que sobra é, sempre, reaproveitado – na casa trabalham cerca de 40 pessoas, entre manufatura e serviços. Pelo meio, Jorge Leitão abriu um ponto de venda em Lisboa, outro em Cascais, e criou a loja online, garantindo que será sempre pos-



▲ Jorge Leitão, responsável pela Leitão & Irmão

sível fazer peças à medida a pedido do cliente. E, isto, de uma casa de onde saem umas 30 mil peças por ano.

A ver-se à frente da Leitão & Irmão por mais uns dois anos, confere que o que realmente gostava é que a casa continuasse para «a geração seguinte de pessoas». Até lá, vai mantendo o trabalho de recuperar a memória com a acção do presente. «Não é recuperar a memória por aquilo que a memória foi, mas pela força que isso tem no presente. Não é dizer fizemos coisas fantásticas. Fazemos coisas muito boas, temos um passado que nos leva a isso, mas é o presente que nos interessa», declara: «Aquilo que fizemos há 200 anos hoje está bom e daqui a 200 anos está bom na mesma. Porque é feito com grande qualidade, tem um conceito por trás, é original, perdura no tempo.» Contas feitas, saiba-se apenas que o arquivo da casa, com perto de 58 mil peças, está bem preservado na Fundação Gulbenkian.